

III Jornada Brasileira de Educação e Linguagem  
XII Jornada de Educação de Mato Grosso do Sul  
III Encontro dos Mestrados Profissionais em Educação e Letras

Tema: **IMPACTO DAS REFORMAS EDUCACIONAIS  
NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES**

**UEMS, Campo Grande, Brasil - 06 a 08 de junho de 2018**



ISBN: 978-85-99540-88-6

## **A PRÁTICA DO FAVOR NOS CONTOS DE NALVO FRANCO DE ALMEIDA**

Luiz Antonio Piesanti  
Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul (UEMS)

**Resumo:** O presente trabalho propõe analisar as narrativas presentes no livro *Tesouro enterrado e outras histórias*, do escritor Nalvo Franco de Almeida, sob a perspectiva da prática do favor, teoria de dependência apresentada por Roberto Schwarz em seu livro *Ao vencedor as batatas*, no primeiro capítulo intitulado “As ideias fora do lugar”. Nele é levantado e discutido um dos problemas mais pertinentes na sociedade brasileira, de modo geral, que é a questão do favor. Desde o colonialismo brasileiro até os dias mais contemporâneos, a cultura do favor é prática inerente ao comportamento do brasileiro. Os contos de Nalvo expõem essa prática ao passo que trazem narrativas divertidas e envolventes ao leitor. Entretanto, tal ação nem sempre é observada de modo simples, é necessário um olhar mais atencioso para perceber suas dimensões e consequências.

**Palavras-chave:** Favor. Contos. Nalvo. Schwarz.

### **Introdução**

O presente trabalho propõe analisar as narrativas presentes no livro *Tesouro enterrado e outras histórias*, do escritor Nalvo Franco de Almeida – edição do autor, publicada no ano de 2015 em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, com ilustrações de Joaquim Franco –, sob a perspectiva da prática do favor, teoria de dependência apresentada por Roberto Schwarz em seu livro *Ao vencedor as batatas*.

O contista em questão nasceu em uma cidade no interior da Bahia, Jacobina, em 1937. Mudou-se para Cuiabá, ainda estado de Mato Grosso, em 1953, onde começou sua carreira no rádio. Veio para Campo Grande a convite do bispo Dom Antônio Barbosa, onde decidiu se fixar quando houve a divisão do estado em Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Trabalhou como radialista, foi vereador, e era responsável por apresentar a crônica Nalvo Franco

Falando Francamente, transmitida pela Rádio Difusora. Formou-se em Direito em 1976, foi assessor jurídico da Vigilância Sanitária da Secretaria de Saúde do Estado até 1985. Passou a trabalhar em seu escritório particular e se aposentou em 1999. Gosta de ler, ouvir músicas e escrever, o que segundo ele, é bom para exercitar a mente. Sua paixão pela poesia fica nítida ao incluir poemas de própria autoria em meio a seus contos<sup>1</sup>.

*Tesouro enterrado e outras estórias* se trata de uma coleção de contos (e alguns poemas que funcionam como uma pausa, um descanso para o leitor) que retratam um típico cenário do sertão nordestino brasileiro, ambientados na década de 1950. Suas narrativas resgatam os costumes da sociedade nordestina e tece algumas críticas acerca de sua realidade. A maioria dos contos são situados em Lago Seca, local fictício apresentado pelo narrador, que fica em uma região central na Bahia, entre a Chapada Diamantina e a Catinga. O Nordeste que outrora era conhecido pelo pioneirismo no ciclo da cana-de-açúcar, com a colonização do país, na década de 50 foi afrontado pela indústria da seca – cenário propício para imposição de interesses das famílias tradicionais e práticas de coronelismo (presente na obra na figura do sugestivo coronel Adolfo) –, o que fez com que muitas pessoas, em busca de melhores condições de vida, migrassem para o Sul (Sul maravilha, como cita o narrador franqueano). Outro fato histórico presente na obra é a construção de usinas hidrelétricas, atentando à construção do Complexo Hidrelétrico de Paulo Afonso que teve início em 1949 e foi inaugurado em 1955.

Tendo em vista que os contos presentes na obra tendem a percorrer uma sequência, a análise aqui pretendida não se prenderá a um conto em específico, mas às ideias de dependência apresentadas intrinsecamente ao tom humorístico tecido pelo narrador franqueano. A obra dá início com a apresentação de Lagoa Seca, uma cidadezinha pacata marcada por um marasmo de cidades de interior, entretanto, o mesmo não pode ser dito em relação às nuances de sua população, de acordo com o narrador, que vai apresentado suas personagens ao longo da obra. Logo de começo, é apresentada a figura do zelador da igreja, sujeito carismático de voz grossa e de quem todos pareciam ter grande apreço, considerando que era ele quem cuidava de todos os arranjos relacionados à igreja da cidade, pois não havia padre na região.

Esta noção de um zelador é interessante de ser observada, já que aqueles que trabalham para a igreja são sempre voluntários, não recebem valor monetário algum para exercer algum cargo, alguma função, o fazem pela fé. Deixando a questão da existência ou não de um ser superior a parte da discussão aqui proposta, esta prática de voluntariado pode

em muito se aproximar da teoria de dependência proposta por Schwarz, visto que é baseada na troca de favores entre os cristãos. São eles que movimentam as quermesses para arrecadação de dinheiro para a igreja, onde podem exercer seus credos. Mas e a figura inexistente do padre? Fica aí uma sugestão do narrador para com seu leitor acerca da prática exercida por todo cidadão cristão de Lagoa Seca em troca de poder exercer sua fé.

### **A prática do favor exposta nos contos**

A noção do favor é vista logo nas primeiras páginas, pois, além da sugestão descrita acima, o narrador apresenta outro personagem, Anastácio, que “tinha fama de rico, mas não passava de um avarento, usurário, explorador e mão-de-vaca. [...] Mantinha um chofer e um ajudante que trabalhavam apenas por casa, comida e uma miséria de salário.” (ALMEIDA, 2015, p. 19). Schwarz descreve este tipo de situação em *Ideias fora do lugar*, quando diz que “o trabalhador livre, nesse ponto, dá mais liberdade a seu patrão, além de imobilizar menos capital. Este aspecto – um entre muitos – indica o limite que a escravatura opunha à racionalização produtiva.” (SCHWARZ, 1992, p. 14-15).

Tecer críticas ferrenhas acerca da noção de dependência pode não ter sido o intuito da obra de Nalvo, mas seus contos apresentam muitos casos dela. Acerca do trabalhador livre descrito por Roberto, tem-se um exemplo com a sociedade de Mocambo – lugar de difícil acesso apresentado pelo narrador no conto “O sufoco de uma dama” –, que após o decreto da Princesa Isabel, em 1888, os escravos se viram “livres” dos senhores de engenho, mas ao mesmo tempo, dependentes de tudo, pois não tinham emprego, moradia, nada. Assim era o lugarejo descrito pelo coronel Adolfo, um vilarejo que “teve como origem o esconderijo de um bando de escravos, que ali se refugiara nos tempos da escravatura. Uma espécie de quilombo.” (ALMEIDA, 2015, p. 144) A sugestão deixada pelo narrador no que concerne à prática do favor se dá não somente ao passo que o narrador descreve o local e seus habitantes, mas também ao fato de que, se tratando de um narrador onisciente, nem mesmo este sabe ao certo a qual município pertence o tal lugarejo, pois o descreve como sendo “um povoado pertencente ao município de Miguel Calmon ou Morro do Chapéu, não sei ao certo.” (ALMEIDA, 2015, p. 143). Para um narrador que sabe de tudo, não saber ao certo o local de pertencimento desta sociedade, possivelmente ocorre pelo fato de que mesmo anos após a libertação dos escravos, estes não se encontravam tão livres na prática como em teoria. Eles

poderiam não ter mais seus donos, mas deveriam ter seus patrões pagando a quantidade que achassem que valeria seus esforços, seus trabalhos. Era uma prática suavizada da escravatura.

Voltando ao início das narrativas, o primeiro conto, por assim dizer, “Arcanja um tipo inesquecível”, apresenta a personagem, como o título já menciona, Arcanja. O narrador a descreve como uma mulher que, embora o nome sugira uma personalidade angelical, não se tratava de uma pessoa pura ou inocente, mas de uma figura conhecida pelos moradores da cidade pelo seu esforço e trabalho. O conto narra a história de um período de seca muito forte que atingiu Lagoa Seca. As pessoas tinham o hábito de poupar água, e andar muitos quilômetros para busca-la. Em virtude da seca forte o governo da época decidiu montar um açude para a sociedade com a promessa de acabar com a escassez de água.

Não é estranho nos dias atuais ter notícias de propinas ou compra de votos em época de eleição, pelo contrário, é uma prática muito comum. Pois não era muito diferente na época dos contos de Tesouro enterrado e outras estórias, já que se tratava da década de 1950. O conto em questão apresenta o período de eleições – no qual Getúlio Vargas entrou no poder como presidente da república – e com elas, vinham as promessas, neste caso, o açude. Anastácio e Arcanja foram as personagens a se beneficiar com os políticos – e não por meio da política –, pois, de acordo com o narrador “[...] em poucos dias, com um dinheiro que ninguém sabe de onde veio, Arcanja montou um estabelecimento comercial, um negócio, digamos assim, um tanto inusitado.” (ALMEIDA, 2015, p. 25). Com dinheiro advindo de propinas, a personagem em questão pode abrir sua casa noturna (cabaré foi o termo adotado pelo narrador). Interessante ver como a prática do favor atinge várias camadas da sociedade, sejam governantes, representantes políticos, empregadores, empregados, enfim a sociedade em geral. Schwarz define a prática do favor ao afirmar que

Esquemmatizando, pode-se dizer que a colonização produziu, com base no monopólio da terra, três classes de população: o latifundiário, o escravo e o “homem livre”, na verdade dependente. Entre os primeiros dois a relação é clara, é a multidão dos terceiros que nos interessa. Nem proprietários nem proletários, seu acesso à vida social e a seus bens depende materialmente do *favor*, indireto ou direto, de um grande. O agregado é a sua caricatura. O favor é, portanto, o mecanismo através do qual se reproduz uma das grandes classes da sociedade, envolvendo também outra, a dos que têm. (SCHWARZ, 1992, p. 16)

A noção de favor se estende às empregadas domésticas – serviço que também pode, de certo modo, ser equiparado ao de um escravo –, no conto seguinte, “A falta que faz um cabaré”, visto que as famílias dependiam de uma empregada doméstica para evitar falácias. A inclusão de um personagem sarcástico (Rafael, dono da farmácia) às narrativas dá suporte à crítica acerca da noção de dependência, pois é ele quem percebe que Arcanja estava prestando um grande favor à comunidade, quando “explicava: ‘*Ela identificou de imediato um mercado consumidor de grande potencial...*’, referindo-se, naturalmente, aos trabalhadores da represa [...]” (ALMEIDA, 2015, p. 27). Além disso, o comércio de Arcanja ajudava a aumentar o número de visitantes para Lagoa Seca, pois suas meninas atraíam clientes de cidades vizinhas.

Embora não do modo como Arcanja gostaria, seu bordel serviu para aumentar o número de pessoas a frequentar a igreja e também suas ações e atividades cristãs. Assim, mesmo a comunidade cristã de Lagoa Seca indo contra os princípios (ou falta deles) da Boate Sonho Azul (mais comumente conhecido como Puteiro das Anjas), acabou que esta prestou grande favor àquela, que passou de um lugar geralmente parado para um ambiente lotado “todas as noites. Novenas, terços, reuniões de orações, palestras com orientações de procedimentos e tudo mais.” (ALMEIDA, 2015, p. 31). Como era época de eleições, uma hora elas terminariam, e foi o que aconteceu. Com o término das eleições, era óbvio que as construções sofreriam paralisação e de fato ocorreu, fazendo com que os trabalhadores voltassem para suas origens, o que de algum modo fez com que a Boate Sonho Azul perdesse a maioria de sua clientela. A crítica ferina veio com o personagem Nadinho desta vez, ao dizer ironicamente que “o DNOCS é uma repartição do Governo. Repartiram tanto que o dinheiro acabou.” (ALMEIDA, 2015, p. 33). Acabou o dinheiro, a construção foi paralisada, Arcanja perdeu a maior parte de seus clientes, e assim sendo, o cabaré fechou.

Como dito anteriormente, esta transição é bem marcada pela prática do favor, ao ver que o conto “A falta que faz um cabaré” retrata esta necessidade, não somente de acalantar os prazeres da carne, mas pelo fato de que a violência subjaz das relações de favor, que segundo Schwarz, “o elemento de arbítrio, o jogo fluido de estima e autoestima a que o favor submete o interesse material, não podem ser integralmente racionalizados.” (SCHWARZ, 1992, p. 16). Com o cabaré fechado, aqueles rapazes de má índole começaram a frequentar o Bar Primavera, onde se sentiam a vontade para tecer todo tipo de comentário acerca das meninas e mulheres da cidade. Com as mentiras espalhadas, a violência psicológica que as moças sofriam era grande, já que se tratava de uma sociedade preconceituosa e machista. Segundo o narrador, Anastácio – que foi de grande ajuda para Arcanja montar seu negócio – sentia o

problema em sua família, com sua irmã mais jovem, Vilminha, tendo que se refugiar em Salvador por nove meses.

Vilminha tinha fama de tentar ser agradável ao público masculino de sua idade, e segundo os personagens Rafael e Nadinho, que teciam sempre comentários cáusticos acerca de qualquer acontecimento, ela abria demais a perna para dar um passo e acabou se machucando ao fazer demasiado esforço para ser agradável aos rapazes. Segundo Rafael, Anastácio “estava tentando fechar a porta depois que a casa tinha sido arrombada. E acrescentava que o rombo não tinha sido pequeno.” (ALMEIDA, 2015, p. 37). Anastácio, neste conto, foi o mentor da teoria de dependência apresentada por Schwarz, ao marcar reunião com todos os chefes de família para resolver o assunto e estabelecer algum meio de proteção para as moças de Lagoa Seca. E a solução foi que “cada família, sem exceção, independente da situação econômica, deveria ter em casa uma empregada doméstica”, pois “de acordo com sua teoria, a rapaziada teria assim mais opções de lazer e acabaria aprendendo a distinguir melhor as coisas.” (ALMEIDA, 2015, p. 37). Assim, as moças de família teriam algum resguardo, haja vista que os rapazes teriam seus instintos mais primitivos aguçados pela figura da empregada doméstica. Apesar de ainda ser muito comum e frequente a presença da empregada doméstica nos lares da sociedade brasileira atual, além de ajudar na emancipação da dona de casa, chefe, mulher mais doura, no que diz respeito à criação dos filhos, ainda há preconceito no imaginário daqueles que se sentem superiores. Para Marise Vicente de Paula,

No artigo de Castro (1999), 'Também Mulher, Imagem de Deus', é estabelecida uma discussão acerca das imagens negativas impostas sobre a mulher e o negro na história do Brasil. Em relação à mulher negra, a autora detecta um componente a mais do que os visualizados em relação ao homem, que é o da imagem concebida pelos atributos corporais: exuberância e sensualidade. No período da escravidão estes atributos eram exigidos pelo mercado comprador de escravos e hoje são exaltados no estereótipo das 'mulatas tipo exportação' que figuram em espetáculos musicais de casas noturnas, em grupos folclóricos e folhetos de propaganda de órgãos governamentais e empresas de turismo. (PAULA, 2012, p. 156)

Raramente tem-se a figura da serviçal como sendo heroína de alguma narrativa literária. Segundo a historiadora Bergman de Paula Pereira, “o fim da escravidão trouxe novos arranjos para que essas mulheres continuassem a exercer as mesmas atividades, deixaram de ser escravas domésticas e passaram a ser empregadas domésticas.” (2011, p. 1). Ou seja, o

trabalhador pode ser livre, mas continua dependente. No conto, as moças que vinham da roça dependiam do emprego e se contentavam com o pagamento em comida e roupa. Ampliando a noção do favor, a sociedade, de certo modo, necessitava de um cabaré, pois era uma forma de proteção, destarte, as famílias se resguardavam, os próprios chefes de família, os patrões, gostavam da ideia, porque era uma forma de proteger a família do assédio dos ditos garanhões.

O conto intitulado “Pensão Maravilha” narra a história de uma senhora, proprietária de uma pensão no subúrbio de São Paulo. Sua pensão abrigava, majoritariamente, nordestinos advindos da Bahia, fugidos da desgraça da seca. Não era difícil para eles se enturmarem, já que geralmente vinham por recomendação dos amigos. A história retrata uma São Paulo da década de 50, em que não havia desemprego e “a facilidade para arrumar trabalho era muito grande” (ALMEIDA, 2015, p. 47). Uma das críticas presentes na narrativa está voltada para a denúncia dos chamados gatos, falsos agenciadores que prometiam emprego fácil na cidade grande e no final acabavam por escravizar aqueles que vinham do sertão nordestino tentando se desvincular da situação de dependência – e acabavam se deparando com outra. Um ciclo vicioso. Segundo o narrador, a proprietária da pensão não gostava desses estelionatários e acabava defendendo seus “meninos” (como ela costumava chama-los). Eis que aparece outra crítica, embora mais sutil, e pautada na noção do favor proposta por Schwarz. Ela os defendia, mas em troca, escolhia aleatoriamente um por noite para se deitar com ela em troca de comida.

As personagens que vieram do nordeste baiano, ao se instalaram na Pensão Maravilha, no centro urbano de São Paulo, acabam entrando em um estado de total dependência. É o choque causado pelo estrangeirismo, o Sérgio Buarque descreve quando diz que

A tentativa de implantação da cultura europeia em extenso território, dotado de condições naturais, se não adversas, largamente estranhas à sua tradição milenar, é, nas origens da sociedade brasileira, o fato dominante e mais rico em consequências. Trazendo de países distantes nossas formas de convívio, nossas instituições, nossas ideias, e timbrando em manter tudo isso em ambiente muitas vezes desfavorável e hostil, somos ainda hoje uns desterrados em nossa terra. (SCHWARZ, 1992, p. 14).

Por mais que as personagens retirantes que se encontravam em São Paulo não estivessem modelando seus estilos de vida de acordo com os padrões europeus, é possível uma releitura do trecho citado, visto que estas tinham que se adequar aos novos modelos e

padrões estabelecidos pela cidade grande. Embora estas personagens sempre encontravam conhecidos, amigos e/ou parentes na pensão, proporcionando assim um sentimento de pertencimento ao local, há a noção de estar deslocado, adaptando-se a novos costumes, a uma nova cultura. E eis que fica a inquietação: o retirante nordestino deveria incorporar estes novos costumes aos que trazia consigo? Pois é o que se tem ainda atualmente, a importação e consolidação de música, filmes, livros, não são mais do que meros reflexos de nossa própria identidade.

Sempre foi uma marca corrente na cultura brasileira a tentativa de ser brasileiros e estrangeiros ao mesmo tempo. O retirante saía (e ainda hoje sai) do nordeste brasileiro para os grandes centros (e até mesmo outras cidades de interior), fugindo dos problemas advindos da seca, em busca de melhorias de vida, mas o homem citadino, despreocupado com a seca do nordeste, também sai, mas geralmente tem consigo o sentimento de precisar sair do país para se entender melhor, para perceber que as belezas encontradas lá fora muitas vezes também podem ser vistas por aqui, e essa sensação também pode ser resumo do estado de ser estrangeiro no próprio país.

Outro momento em que a noção da prática do favor é evidente no conto é quando, ao final da narrativa, a personagem, que é amigo do narrador, descreve que para manter seu sustento na pensão, aceitava se deixar trocar por noites de prazer com Francisca, a dona da pensão:

Um amigo meu, baianinho de Lagoa Seca, acabou se tornando freguês de cadeira cativa. Como nunca tinha dinheiro para o sanduiche de mortadela, ficava rezando para ser escalado. Dia desses, quando rememorava aquela época, que ele costuma chamar de *minha vida na pensão*, o safado confessou, cinicamente, que fazia questão de caprichar no serviço, ressalvando que era apenas para garantir o rango. Mas logo depois concluiu de uma maneira que deixava perceber uma boa dose de emoção: *‘Saiba você, meu amigo, que valeu a pena. Aprendi coisas, venci a timidez e adquiri autoconfiança. E ainda tinha um prêmio: Nas manhãs de segunda feira os olhinhos miúdos de Dona Chiquinha brilhavam intensamente, um brilho somente comparado ao brilho das estrelas. Um brilho que traduzia toda a felicidade do mundo.’* (ALMEIDA, 2015, p. 53).

Este diálogo em questão, entre narrador e personagem, faz jus ao que Schwarz pronunciava acerca da legitimação da prática do favor:



Ao legitimizar o arbítrio por meio de alguma razão “racional”, o favorecido conscientemente engrandece a si e ao seu benfeitor, que por sua vez não vê, nessa era de hegemonia das razões, motivo para desmenti-lo. Nestas condições, quem acreditava na justificação? A que aparência correspondia? Mas justamente, não era este o problema, pois todos reconheciam – e isto sim era importante – a intenção louvável, seja do agradecimento, seja do favor. A compensação simbólica podia ser um pouco desafinada, mas não era mal-agradecida. [...] Assim, com método, atribui-se independência à dependência, utilidade ao capricho, universalidade às exceções, mérito ao parentesco, igualdade ao privilégio etc. (SCHWARZ, 1992, p. 17-18).

O conto intitulado “Eleição à moda antiga”, traz uma narrativa com pegada mística, com duas personagens tipo, desprovidas de discurso, Angelina e Eufrásio. Dois personagens que não promovem ação (tipo), deveriam ser principais, mas por característica de conto contemporâneo, são transformados de personagens que deveriam ser principais em tipo e o narrador é quem dá o tom. A característica mística, citada acima, dá-se pelo nome das personagens, sendo que Angelina, aquela que chama as amigas para refrescar a cabeça, remete a anjos, que acompanham as pessoas para as coisas boas, e Eufrásio é aquele que se dá bem com as moças, que aparece bastante, discute, e está sempre marcado pelo “eu”, com um tom narcisista. O narrador está sempre chamando a atenção do leitor ao óbvio, que um dos candidatos é um narcisista (eu-frásio) e a outra remete a figura de um anjo (angel-ina). Não é pelo fato de serem dois homossexuais nem o fato de a cidade não ter número suficientes de candidatos, mas o fato de ter dois personagens que não podem assumir, pois não existem no campo material. Narciso é um Deus grego e Anjo é um ente divino da igreja católica.

Ambas as personagens são desprovidas de ação, de discurso, o único que tem características no seu fazer é o Juiz, que até mandou fechar a urna e fazer a ata para assinar. O ato de nomear dá existência aos seres, nada existe até que se nomeie. O ser humano nomeia tudo, devido à sua existência. O narrador dá a entender que a política é uma guerra e insere seus dois personagens para exemplificar a esquerda, Partido Social Democrático – PSD (povo; “anjo”) e a direita, União Democrática Nacional – UDN (direita, elite; “eu”). Ainda nesta narrativa é possível perceber o que fora comentado anteriormente no que diz respeito à prática do favor no âmbito político:

É fácil deduzir que as pessoas com limitações de conhecimentos se transformam em instrumentos a serviço de alguns espertos que, já naquela época, utilizavam-se da política em favor dos seus interesses meramente pessoais. Com a chamada volta da democracia, aconteceu a ressurreição dos

políticos e surgiram os primeiros cabos eleitorais. Confesso que nunca entendi o motivo pelo qual são chamados cabos e nunca soldados ou sargentos. Mas isso não tem importância. O que importa é dizer que aqueles que se colocavam a serviço dos políticos tinham, já naquela época, alguma motivação. Em resumo: havia sempre alguma forma de remuneração, ou por pagamento pecuniário ou através de empreguismo ou ainda pela concessão de favores. Para os políticos aquilo era muito natural. Tão natural que acontece ainda nos dias atuais. Político encara eleição como uma guerra. E na guerra, segundo eles, vale tudo. (ALMEIDA, 2015, p. 78).

Há também na obra de Nalvo um apelo, embora de forma cômica, a um fato que era novidade para a sociedade da época, mas que é realidade ainda no âmbito atual: os falsos médicos, estelionatários que se passam por profissionais para enganar pessoas que precisam de atendimento e estão dispostas a gastar com o atendimento. O conto “O doutor e o pinico” retrata a passagem da chegada de um médico à Lagoa Seca. Todos o acolheram e depositaram nele toda confiança. Todos, exceto o dono da farmácia, Rafael, que se sentiu ameaçado com a presença do médico.

Como a situação da comunidade era precária, com buracos no chão servindo de patentes para a realização das necessidades, cisternas para captação de água da chuva, economia de água ao lavar roupa e tomar banho, fatores que refletiam na baixa qualidade de vida e saúde da população, fez com que o médico fosse bastante visitado. Entretanto, não durou muito para que a desconfiança de Rafael falasse mais alto e fizesse com que ele fosse à Salvador em busca de informações, e descobriu que o médico se tratava de um falsário, que nunca frequentou faculdade alguma e que havia dado o mesmo golpe anteriormente.

A crítica ao médico farsante é interessante, no entanto, a noção da prática do favor ainda se faz presente no conto quando o dono da farmácia recorre a outra pessoa para ajudá-lo no serviço sujo de expor o médico:

Com essas informações, Rafael regressou e conversou com Anastácio, um mau caráter, especialista em tratantadas. Para não correrem o risco de se indispor com a população, visto que o Doutor já tinha caído nas graças de todos, decidiram que fariam um pasquim [...] algo assim como um panfleto, escrito à mão, sempre em letras de fôrma e cujo conteúdo era apresentado sob a forma de notícia. Uma espécie de periódico que sempre tinha intenção difamatória. Era uma coisa medonha, infame. Seu estilo era o mais escandaloso possível. Partindo de um fato verídico, explorava o assunto de forma grosseira e imoral, além de acrescentar todo o tipo de mentiras. [...] Seu objetivo era sempre desmoralizar alguém. Algumas vezes a pessoa que tivesse sido vítima de um pasquim acabava se mudando para outra localidade. (ALMEIDA, 2015, p. 121-122).

O penúltimo conto, que dá título ao livro, “Tesouro enterrado”, trata-se novamente de uma narrativa com característica mística, em que a personagem principal tem sonhos sobre encontrar um tesouro enterrado e acaba deixando tudo para trás em busca deste tesouro. Acaba que ele encontra, mas ao voltar à sua fazenda, onde o tesouro estava enterrado desde o início, mas ele só soube a localização por meio de sonhos e devaneios. Mas ainda assim é possível a percepção da prática do favor, mesmo suavizada, mas muito comumente praticada ainda hoje, em que ao partir em busca de tal tesouro, Tião encontra abrigo em uma fazenda na condição de trabalhar para o dono:

Tião tinha traquejo, adquirido nos seus tempos de andanças. Não teve dificuldade para se entender com o dono da venda. Aproximou-se dizendo que estava à procura de trabalho e que tinha bastante experiência em trabalho de fazenda. Falava a verdade porque sempre trabalhara em fazendas. Conquistou de imediato a confiança do homem quando lhe disse que só aceitava discutir sobre pagamento depois que o patrão visse os seus serviços. Naquele momento o homem lhe deu um emprego e ainda lhe garantiu o que ele realmente queria: Um lugar para ficar. (ALMEIDA, 2015, p. 134-135).

Segundo Schwarz, “o favor, ponto a ponto, pratica a dependência da pessoa, a exceção à regra, a cultura interessada, remuneração e serviços pessoais.” (SCHWARZ, 1992, p. 16). Ao observar a prática do favor em todas as narrativas aqui analisadas, percebe-se que a vida ideológica rebaixava, humilhava e realçava os envolvidos a manter reciprocidade e cumplicidade. Manter a garantia de que nenhuma das partes envolvidas denunciaria a outra, mesmo tendo os direitos e meios para tanto. O favor em si assegurava ambos, porém mais precisamente a parte mais fraca, de classe inferior, mais dependente, de que não se tratava de escravidão. O sentimento de liberdade fez com que até mesmo o mais humilde dos favorecidos se reconhecesse como trabalhador livre, como pessoa livre.

## **Conclusão**

No âmbito artístico, houve sempre um meio de contemplar, comentar, discorrer, revelar, sugerir, maquiagem, adaptar toda problemática social que cada comunidade enfrentou(a). É nas artes plásticas, na música, na literatura que as falhas das sociedades são postas em

questão. As ideias apresentadas por Schwarz não foram inicialmente destinadas para aporte de análise dos contos de Nalvo, mas vale uma releitura para trazer à tona novas discussões acerca dessas práticas tão comuns ainda na sociedade atual.

A obra foi escrita em 2015, cerca de 65 anos após o período narrado nas histórias e possui certas relações com Gabriel Garcia Márquez e Alcântara Machado. Para o crítico Antonio Candido (2000, p. 19), “a arte é social”, ou seja, a arte acompanha o meio na qual é inserida, claro que em graus de sublimação vários, mas a questão é que a arte, em qualquer forma, acabará por modificar a “conduta e concepção do mundo” de quem se depara com ela, ou poderá reforçar, no indivíduo receptor da arte, “o sentimento dos valores sociais”. Nesse sentido, os contos apresentados são formas artísticas que refletem em sua tessitura o *zeitgeist* e as tensões de uma determinada sociedade, de um determinado período histórico. Embora tratando-se de uma ficção, é o testemunho de uma época.

#### Notas:

<sup>1</sup> Informações retiradas do website do autor, disponível em <<https://tesouroenterrado.wordpress.com/>>, acessado em 18 de maio de 2017; da apresentação do autor em sua obra; assim como em mesa redonda com o próprio escritor realizada no dia 25 de maio de 2017, na Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul (UEMS).

#### Referências:

ALMEIDA, Nalvo Franco de. **Tesouro enterrado e outras estórias**. 1ª Ed. Edição do autor. Ilustrações de Joaquim Franco. Campo Grande, 2015.

ALMEIDA JR., Nalvo Franco de. **Tesouro enterrado e outras estórias**. Disponível em: <<https://tesouroenterrado.wordpress.com/>>. Acessado em 18 de maio de 2017.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 8ª Ed. São Paulo, SP: Ed. Publifolha, 2000.

PAULA, Marise Vicente de. **De escrava à empregada doméstica: o fenômeno da (in)visibilidade das mulheres negras**. In.: Revista Latino-americana de Geografia e Gênero, Ponta Grossa, v. 3, n. 2, p. 156-164, ago. / dez. 2012. Disponível em: <[www.revistas2.uepg.br/index.php/rlagg/article/download/3257/pdf/33](http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rlagg/article/download/3257/pdf/33)>. Acessado em 01 de julho de 2017.

PEREIRA, Bergman de Paula. **De escravas a empregadas domésticas - A dimensão social e o "lugar" das mulheres negras no pós-abolição**. In. Anais Eletrônicos. XXVI Simpósio Nacional de História ANPUH: 50 anos. USP, São Paulo, 2011. Disponível em:

<[http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1308183602\\_ARQUIVO\\_ArtigoANPUH-Bergman.pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1308183602_ARQUIVO_ArtigoANPUH-Bergman.pdf)>. Acessado em 01 de julho de 2017.

Prefeitura de Paulo Afonso. Complexo Hidrelétrico. Disponível em: <<http://www.pauloafonso.ba.gov.br/turismo/internas/atrativos/?id=29>>. Acessado em 29 de maio de 2017.

REIS, Nerci Aparecida dos. **A migração do nordestino trabalhador rural e a educação escolar de seus filhos.** Disponível em: <<https://www.aacademica.org/editora.prospectiva.oficial/23.pdf>>. Acessado em 06 de junho de 2017.

SCHWARZ, Roberto. **Ao Vencedor As Batatas.** São Paulo, SP: Ed. Duas Cidades, 1992.